

Comerciantes madeirenses na linha da frente

03. 4/1/91 p.19

Grande parte dos emigrantes na África do Sul vítimas da violência estavam fixados em áreas afastadas de Joanesburgo, em muitos casos à boca das minas

A VIOLÊNCIA não os poupa. Fonte oficial estima que entre 30 e 40 portugueses oriundos da ilha da Madeira foram assassinados, na sua esmagadora maioria por negros, de Janeiro a Novembro de 1990.

Convenhamos que é muita gente a sofrer e a morrer, no caso gente portuguesa que na mira de ganhar mais uns tostões — que a sua terra não dá, ou não dava na altura em que a deixou — decidiu abandonar os tortuosos campos madeirenses e emigrou para a África do Sul. Tudo bem até Fevereiro. O negócio apresentava-se fácil e prosperava. O ouro valia bom dinheiro, o rand era moeda forte, pedindo meças ao dólar.

O imigrante português na África do Sul podia considerar-se um indivíduo abastado — até o operário, quanto mais o homem que, atrás de um balcão ou na gerência da sua herde, ia amealhando bom di-

drama por que inevitavelmente passa um país em fase de transição social e política.

O preço tem sido elevado. A violência ateou as cidades negras e grupos étnicos rivais (apenas, por enquanto, os dois

aumento significativo do desemprego, os assaltos à mão armada em Joanesburgo viram o seu índice ampliado sete ou oito vezes.

Bancos, lojas e transeuntes sofrem com a «integração».

e os comportamentos do sistema de segregação social, sendo, por isso, muito afectados pela actual fase política na África do Sul.

Digamos que o madeirense sofre o primeiro embate da liberdade concedida ao natural da terra que, em muitos casos, nele vê um inimigo a abater.

O processo é sempre o mesmo: a loja do português da Madeira é assaltada e o seu proprietário (ou empregado) baleado, geralmente, por uma espingarda AK-47, cuja posse é muito vulgar entre a população civil negra.

Que resposta a dar a toda esta complicada situação?

Naturalmente o abandono — pensar ao leitor comum.

Só que... é aqui que reside o grande dilema do emigrante.

O investimento foi considerável. Na altura em que o negócio foi efectuado, «as vacas eram gordas», a tempestade (que o mais atento previa) ainda vinha longe. A moeda era forte. Houve que «entrar» na compra da loja o dinheiro que havia disponível porque, de um modo geral, o madeirense é por norma um homem de negócio, e pouco mais.

Entretanto, os acontecimentos levaram outro rumo, o rand deixou de valer 100 escudos para não ir além dos 50 e picos; o preço do ouro caiu tremendamente; a oferta e muitíssimo maior que a procura; a casa, posta à venda há meses, não há maneira de ser «despachada» e, na maior parte dos casos, não houve o cuidado de pensar no futuro... em termos, por exemplo, de um investimento paralelo com Portugal...

Há milhares de madeirenses — a maioria portuguesa entre o meio milhão de emigrantes na África do Sul — que nada possuem na Madeira ou no continente. O dinheiro que ganhavam graças ao seu trabalho encontrava-se totalmente «enterrado» neste país de acolhimento, na vivenda (com grandes piscinas, adega, jardins, largos relvados), em bons automóveis, nos negócios.

A «transformação» de todos esses bens em dinheiro sonante seria, digamos, uma meia-solução — a desvalorização tem sido galopante — mas trata-se de uma «operação» muito complexa e de uma decisão dramática... Para lá dos balúrdios que se perdem, há o aspecto familiar que é penoso. Há os filhos, os netos, os bisnetos nascidos nesta terra... e que nada sabem de Portugal.



Churrascaria portuguesa
Passar a patacos? O pior é a desvalorização do negócio

do-se, entre estes últimos, cerca de duas dezenas de polícias e de soldados, caídos em «batalhas» travadas nas cidades negras, em emboscadas e assaltos.

Um drama de alto preço

Quando, em Setembro de 1988, P. W. Botha foi à televisão e se demitiu das funções, sendo substituído no cargo de

mais representativos), os zulus e os xhosas guerreiam-se, destruindo propriedades e ceifando vidas. Só a presença — extremamente contestada por determinadas organizações políticas — da polícia e do exército tem conseguido, de certo modo, atenuar a hecatombe.

O cidadão negro, o chamado «pé descalço», sente-se gente. A «lei do passe», que controlava os seus movimen-

Sem pretendermos cair no exagero, podemos afirmar que hoje só se desloca à Baixa de Joanesburgo quem disso necessita em última análise.

É pergosa uma deslocação a Joanesburgo. Na maioria negra que ali se observa no dia-a-dia abundam os marginais que actuam, normalmente, em grupos de quatro ou cinco indivíduos, utilizam armas brancas ou de fogo, e depois de efectuada o trabalho esgueiram-se por entre a multidão, até encontrarem lugar seguro.

Ficar ou partir?

O emigrante madeirense não pode deixar de sofrer com as profundas alterações que se verificam neste país. Tanto aquele que está afastado dos grandes centros, e que, com o seu comércio de *take aways* ou de mercearia geral, abastece consideráveis núcleos de negros, mas também o que está instalado nas «cidades brancas» e serve refeições rápidas ou vende vegetais e verduras.

Sob o aspecto financeiro, o negócio é bem mais rentável quando colocado em áreas mais remotas. Se não fosse por outras razões, pelo simples facto de a concorrência não existir...

Por esse mesmo motivo, não será de estranhar que grande percentagem dos madeirenses assassinados estivessem fixados em áreas afastadas de Joanesburgo e outras grandes urbes, em muitos casos à boca das minas de ouro e platina, se não mesmo dentro das próprias áreas exploratórias do precioso metal.

Os madeirenses, que desde os primórdios do *apartheid* tiveram um relacionamento muito estreito com os negros, acabaram por adoptar os vícios

Cada 45 minutos um assassinio

PELO menos 400 mil crimes são cometidos anualmente na África do Sul, segundo estatísticas reveladas em Joanesburgo pelo Conselho de Pesquisas em Ciências Humanas.

De acordo com as estatísticas, em cada quatro minutos é praticado um assalto de gravidade; um carro é roubado de nove em nove minutos; em cada 10 minutos verifica-se um assalto; um arrombamento, de três em três minutos; uma violação sexual, a cada 26 minutos; e um assassinio em cada 45 minutos.

presidente da República por Frederick de Klerk, dava-se início à revolução sul-africana. Daí para cá, tem sido um nunca mais acabar de «bertos» ao povo negro, em determinados meios consideradas como simples cedências que levam à capitulação dos brancos.

A África do Sul, ao mesmo tempo que tenta acertar o passo com o mundo, com De Klerk e Pik Botha, em acções diplomáticas dirigidas não só a Oeste como a Leste — o ministro dos Estrangeiros já visitou países como Checoslováquia, Jugoslávia e Roménia, anunciando a abertura de consulados, enquanto indica que, dentro de seis meses, a União Soviética terá uma embaixada em Pretória —, tem vivido o grande

to, foi eliminada da acção policial: já ninguém o pode proibir de frequentar, seja a que horas e a que pretexto for, os locais que muito bem entenda. O fluxo dos negros às cidades brancas é, nos nossos dias, inevitável. Os apartamentos dos grandes prédios, por exemplo, de Joanesburgo, passaram a ser habitados também pelos negros. Os brancos, perante tal vizinhança, afastam-se para os bairros limítrofes, de tal modo que a Baixa da cidade de Joanesburgo assemelha-se hoje bem mais ao Soweto (cidade negra de quase dois milhões de almas) que propriamente à cidade-élite como foi considerada durante 40 anos.

Com o choque social provocado por esta alteração e com o

do Sul

nheiro em troca de seu investimento.

Porém, a partir de Fevereiro, os ventos sopraram forte e começaram a varrer os montuosidades políticas e sociais nesta zona do mundo. A evolução política fez das suas e provocou mudanças que, não se podendo considerar radicais (para já), deixaram, todavia, cicatrizes visíveis.

No primeiro momento, a revolução sul-africana não provocou derramamento de sangue, mas, nos meses seguintes, tornou-se particularmente sangrenta. Até agora, o balanço assinala a morte de mais de um milhão de indivíduos — negros, na sua maioria, mas também alguns brancos, contan-